

**A ATUALIDADE DOS 170 ANOS DO MANIFESTO COMUNISTA****MARX, Karl e ENGELS, Friederich. Manifesto Comunista. São Paulo: Boitempo, 2010. 271 p.****LA ACTUALIDAD DE LOS 170 AÑOS DEL MANIFIESTO COMUNISTA****MARX, Karl e ENGELS, Friederich. Manifesto Comunista. São Paulo: Boitempo, 2010. 271 p.****THE NEWS OF THE 170 YEARS OF THE COMMUNIST MANIFESTO****MARX, Karl e ENGELS, Friederich. Manifesto Comunista. São Paulo: Boitempo, 2010. 271 p.**Otávio Aranha<sup>1</sup>

Este ano comemoramos o bicentenário de nascimento de Karl Marx (1818-1883) e dentre o conjunto de suas obras, o Manifesto do Partido Comunista também faz aniversário de 170 anos. Resenha-se este livro, escrito conjuntamente com Friedrich Engels, por representar uma obra clássica do marxismo, pela síntese das ideias expostas ao mundo inteiro do *modo de ver* do comunismo científico e pela atualidade que esse texto resguarda em pleno século XXI.

O Manifesto do Partido Comunista [*Manifest der Kommunistischen Partei*] foi publicado pela primeira vez em 21 de fevereiro de 1848, em Londres. Escrito por Karl Marx e Friedrich Engels entre dezembro de 1847 e início de 1848, foi encomendado aos autores pela Liga dos Comunistas para servir como plataforma teórica, política e programática do partido comunista recém-criado.

Com a introdução da máquina rotativa a vapor de James Watt (por volta de 1784) no processo de produção de mercadorias na Inglaterra e o seu constante aperfeiçoamento técnico, ocorreu uma série de profundas mudanças na organização da produção capitalista que trouxe inúmeros impactos na sociedade, entre outros, como na relação do campo com a cidade, na transformação da produção artesanal e manufatureira a produção industrial de larga escala, na conformação de uma classe numerosa de proletariados urbanos e na consolidação do poder político da classe dos capitalistas industriais.

Essas alterações, resultado da *Revolução Industrial* inglesa com repercussões em toda a Europa, são expressas estatisticamente no aumento considerável da produção de diversos ramos industriais, como o têxtil, mineiro, metalúrgico, agrícola e na produção de maquinário; o que resulta em um vertiginoso crescimento populacional nas grandes cidades e na transformação substancial no *modo de vida* e na consciencia dessa época que se movimenta espantosamente. (HOBSBAWM, 1977).

Em 1843, Marx se deparava com essas mudanças na província renana, quando observou a situação dos camponeses do Mosela diante do Estado do Landtag que lhe negava o direito consuetudinario de acessarem a madeira extraída de florestas para produzirem lenha e se aquecerem do inverno renano. De acordo com Mehring (2013, p. 55), “O ponto em questão era a luta entre a era do capitalismo em desenvolvimento e os últimos remanescentes da propriedade comum da terra”. Por outra via, Engels observava o mundo industrial inglês detidamente e publicava seus estudos em 1844, na obra intitulada *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*.

O contexto histórico o qual os dois filósofos alemães estavam presenciando é de um mundo com profundas alterações, que parte do desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção criadas por esse desenvolvimento sob o modo de produção capitalista. Estas novas relações de produção da existência material, sintetizaram os antagonismos sociais e políticos em duas classes e, nesta conformação, os primeiros conflitos e levantes de proletários contra a burguesia começam a entrar em ebulição.

Neste sentido, os dois alemães estabelecem contato e começam a constituir uma *constante troca de ideias*, como relata o próprio Marx (1983) em seu prefácio a *Contribuição à crítica da economia política*. A princípio, essa *troca de ideias* realiza um *ajuste de contas* com a filosofia clássica alemã em sua maior expressão – Georg Wilhelm Friedrich Hegel, e seus medianos seguidores – os hegelianos *de esquerda*, nos quais são produzidas *A sagrada família* e o conjunto de textos e brochuras que será batizada posteriormente como *A Ideologia alemã*. Essa relação de Marx e Engels para a elaboração de um novo constructo teórico a partir da crítica, desenvolve-se, para além da filosofia, nos terrenos da economia política e do socialismo francês, o que aparece de forma amadurecida, até aquele momento, na *Miséria da Filosofia*, de 1847.

Assim, chegamos ao fatídico ano de 1848, que já estava sendo precedido por uma série de rebeliões e levantes operários em diversos países da Europa: em 1838 o movimento cartista inglês subescreve a *Carta ao Povo*, onde consta uma série de reivindicações democráticas e políticas; em 1842, o cartismo realiza uma poderosa greve geral que movimenta cerca de 50 mil operários e inauguram a tática dos *piquetes*; em 1844, explode a rebelião dos tecelões na Silésia; finalmente, em fevereiro de 1848 uma onda revolucionária sacode a França e se espalha como um pavio de pólvora em todo o continente europeu: Suíça, Prússia, Renânia, Áustria, Hungria, Itália, o que configurou o primeiro grande levante da classe operária conhecida como *Primavera dos Povos de 1848*.

O Manifesto do Partido Comunista está grandemente conectado a essa conjuntura revolucionária e expressa uma vinculação real de Marx e Engels com as lutas operárias de seu tempo. O *Manifesto* que está em vias de ser redigido, tem pressa para chegar ao alcance da classe operária, e em razão dessa explosão do proletariado francês, os dirigentes da Liga Comunista se inquietam a ponto de epistolar essa curiosa mensagem à Marx:

O Comitê Central, por meio desta, autoriza o Comitê do Distrito de Bruxelas a comunicar ao cidadão Marx que caso o *Manifesto do Partido Comunista*, que ele se propôs a redigir no último Congresso, não chegue a Londres antes do dia 1º de fevereiro, torna-se-ão medidas contra ele. Na eventualidade do cidadão Marx não escrever o Manifesto, o Comitê Central pede que os documentos a ele confiados pelo Congresso sejam devolvidos imediatamente (COGGIOLA, 2010, p. 9).

Dado esta breve consideração sobre o contexto em que o *Manifesto* é produzido, comunicamos ao leitor que das várias edições existentes dessa obra em língua portuguesa, utilizamos a Boitempo como referência para esta resenha em função das seguintes razões: da nossa acessibilidade a esta obra; da fidelidade da tradução direta do idioma alemão; e da riqueza de material complementar que está contido nesta, como prefácios e comentários de autores, que contribuem no debate sobre o conteúdo do *Manifesto* e a sua atualidade.

Nesta edição da Boitempo, o livro possui: a) um texto introdutório de Oswaldo Coggiola, intitulado: *150 anos de Manifesto Comunista* (precedido ao texto do *Manifesto*); b) o texto do Manifesto propriamente dito; c) sete prefácios escritos por Marx e Engels em diferentes edições: 1872, 1882, 1883, 1888, 1890, 1892 e 1893; d) seis textos de comentários de autores sobre o *Manifesto*: Antonio Labriola, Jean Jaurès, León Trotsky, Harold Laski, Lucien Martin e James Petras; e) uma cronologia resumida de Marx e Engels como de costumaz das edições da Boitempo Editorial.

Na introdução de Oswaldo Coggiola, ele historiciza o processo de produção do *Manifesto*, explicitando a trajetória anterior da Liga dos Comunistas. Relata as relações de Marx com a Liga, o desenvolvimeno do movimento cartista e as origens das primeiras ideias comunistas em Gracchus Babeuf. Posiciona-se a cerca das interpretações de inclinações *democráticas e revolucionárias* do *Manifesto*.

O texto do *Manifesto* se dispõe a apresentar as ideias comunistas frente às acusações realizadas por distintas lideranças e governos burgueses contra o movimento operário que se levantava naquele momento. Assim, ele se propõe a expor “abertamente, ao mundo inteiro, seu modo de ver, seus objetivos e suas tendências, opondo um manifesto do próprio partido à lenda do espectro do comunismo” (MARX e ENGELS, 2010, p. 39).

O *Manifesto Comunista* está dividido em quatro capítulos ou seções: 1) Burgueses e proletários; 2) Proletários e Comunistas; 3) Literatura socialista e comunista; 4) Posição dos comunistas diante dos diversos partidos de oposição.

Na primeira seção, *Burgueses e proletários*, Marx e Engels apresentam a moderna sociedade burguesa como resultado de um processo de desenvolvimento histórico que teve por base as transformações no modo de produção e circulação de mercadorias. Reconhece a burguesia como uma classe que cumpriu um papel progressivo e revolucionário na história, pois contra as relações de propriedade feudais baseadas na servidão. Antes de apontar a necessidade de destruição dos capitalistas, admiram os seus feitos, como que reconhecendo as qualidades do inimigo em um combate, mais que isso, postulam cientificamente o papel desta classe social na história:

A burguesia revelou como a brutal manifestação de força da Idade Média, tão admirada pela reação, encontra seu complemento natural na ociosidade mais completa. Foi a primeira a provar o que a atividade humana pode realizar: criou maravilhas maiores que as pirâmides do Egito, os aquedutos romanos, as catedrais góticas; conduziu expedições que empanaram mesmo as antigas invasões e as Cruzadas. (MARX e ENGELS, 2010, p. 42-43).

Ainda neste capítulo, apontam os limites da sociedade burguesa: as forças produtivas sob o modo de produção capitalista alcançam um determinado grau de desenvolvimento que entram em conflito com as relações de produção, esse choque se expressa em crises comerciais, que são as bases para a ocorrência de guerras e destróem não apenas produtos e mercadorias, mas também as próprias forças produtivas, limitando o seu desenvolvimento. Assim, o capitalismo enquanto sistema econômico estaria fadado ao fracasso, isto é, “ao preparo de crises mais extensas e destruidoras e à diminuição dos meios de evitá-las” (MARX e ENGELS, 2010, p. 45).

Contudo, a burguesia também desenvolveu o proletariado enquanto uma classe e esta se constituiu como sua fonte material de existência (e riqueza) e como o germe de sua própria destruição. No segundo

momento desta seção, o *Manifesto* se dedica aos operários, o seu papel na economia capitalista e explica por que são os operários “a classe que traz nas mãos o futuro” (MARX e ENGELS, 2010, p. 49).

A segunda seção, *Proletários e comunistas*, Marx e Engels explicam a relação do partido comunista com o movimento operário e suas organizações. Explicitam os objetivos dos comunistas quanto à propriedade, diferenciando a propriedade individual fruto do resultado pessoal do trabalho do operário na forma de salário, da propriedade privada burguesa, resultado da apropriação da exploração do trabalho assalariado.

O *Manifesto*, nesta seção, também se posiciona sobre temas complexos e fora (no sentido de derivados) das relações estritamente econômicas, como liberdade, cultura, família, educação, mulheres, patriotismo e religião. Discorre, pela primeira das poucas vezes das obras de Marx e Engels, acerca do que seria o comunismo: afirma que a revolução operária e a tomada do poder político do Estado é a primeira fase do comunismo, no qual apresentam um programa a ser sustentado nos países de capitalismo avançado; após a tomada do poder político pelo proletariado que se tornará então classe dominante, e a destruição violenta das relações de propriedade burguesa, que o comunismo entrará em uma segunda fase.

Escrevem que nesta segunda fase do comunismo: “Em lugar da antiga sociedade burguesa, com suas classes e antagonismos de classes, surge uma associação na qual o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos.” (MARX e ENGELS, 2010, p. 59).

Na terceira seção, *Literatura socialista e comunista*, Marx e Engels discorrem sobre as distintas formas de socialismo existentes naquela época e a explicitam suas diferenças com esses movimentos. Estruturam três tópicos: o socialismo reacionário, o socialismo conservador ou burguês e o socialismo crítico-utópico.

No *socialismo reacionário*, distingue-se três tipos de manifestações: a) o *socialismo feudal*, que tem por base as aristocracias da França e Inglaterra e se limita à crítica literária contra a ordem burguesa, porém no sentido contrário ao apontado pelo comunismo, ou seja, no sentido de girar a roda da história para trás; b) o *socialismo pequeno-burguês*, composto por camponeses oriundos das relações feudais e que oscilam entre a burguesia e o proletariado; c) o *socialismo alemão ou “verdadeiro” socialismo*: movimento literário composto por filósofos que foi fortemente influenciado pelos escritos dos socialistas franceses. Contudo, sem as condições materiais do país vizinho, as ideias dos escritores franceses terminaram por serem deturpadas e esvaziadas de sentido.

No tópico sobre *socialismo conservador ou burguês*, identificam a preocupação de um setor da burguesia em remediar a condição de exploração dos trabalhadores, no sentido de tentar combater os males sociais engendrados pelo modo de produção capitalista. Além de Proudhon, já criticado por Marx em sua *Miséria da Filosofia*, estão: “[...] os economistas, os filantropos, os humanitários, os que se ocupam em melhorar a sorte da classe operária, os organizadores de beneficências, os protetores de animais, os fundadores das sociedades antialcólicas, enfim, os reformadores de gabinete de toda categoria” (MARX e ENGELS, 2010, p. 64).

O *socialismo crítico-utópico*, trata-se das primeiras tentativas de apontar uma superação ao modelo capitalista de exploração sem, contudo, o desenvolvimento das condições materiais que pudesse avançar essa crítica à sociedade burguesa para além de uma crítica romantizada e idealista. Suas maiores expressões estão nos sistemas propostos por Saint-Simon, Fourier, Owen, principalmente.

Na quarta e curta última seção, *Posição dos comunistas diante dos diversos partidos de oposição*, o *Manifesto* se coloca ao lado dos *interesses objetivos imediatos*, isto é, na disposição em construir uma unidade de ação das organizações e partidos a classe operária de diferentes países e até mesmo com a burguesia, quando esta se

colocar contra a monarquia absolutista; ao mesmo tempo, anuncia representar *o futuro do movimento operário*, o que significa em sustentar um objetivo mais estratégico na consciencia do operariado para que este possa levantar-se em armas contra a burguesia. Assim:

Os comunistas se recusam a dissimular suas opiniões e seus fins. Proclamam abertamente que seus objetivos só podem ser alcançados pela derrubada violenta de toda ordem social existente. Que as classes dominantes tremam à ideia de uma revolução comunista! Nela os proletários nada têm a perder a não ser os seus grilhões. Tem um mundo a ganhar. (MARX e ENGELS, 2010, p. 69).

Os sete prefácios após o texto do *Manifesto* estão dispostos em ordem cronológica e são escritos por Marx e Engels ou somente por Engels, após o falecimento de Marx.

No prefácio de 1872 da edição alemã, escrito por ambos, identificam que o programa apresentado no final da segunda seção encontra-se *antiquado*; que a crítica à literatura socialista, realizada na terceira seção, está *deficiente* em relação ao presente; e que na quarta seção, onde apontam as relações que o partido comunista deve ter com outras organizações estão *desatualizadas* na prática.

No prefácio de 1882 da edição russa, escrito por ambos, identificam uma mudança da situação da Rússia no cenário da luta de classes mundial, onde esta passa de *chefe da reação europeia* a *vanguarda da ação revolucionária na Europa*. Levantam a possibilidade da revolução russa constituir-se como  *sinal para a revolução proletária no Ocidente*.

No prefácio de 1883 da edição alemã, escrito por Engels logo após a morte de Marx, defende a originalidade das ideias de Marx contidas no *Manifesto*.

No prefácio de 1888 da edição inglesa, Engels relata o processo de publicação do *Manifesto* e sua relação com as lutas operárias de 1848, a derrota deste levante e seu impacto na perseguição das lideranças comunistas, o que resultou na dissolução da Liga dos Comunistas fundada em fins de 1847. Discorre sobre fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores e seus objetivos. Engels fala sobre as traduções do *Manifesto* na classe trabalhadora de diferentes países, *da Sibéria à Califórnia*. Engels explica porque optaram por adotar o nome *comunismo* em detrimento de *socialismo* no texto do *Manifesto*.

No prefácio de 1890 da edição alemã, Engels comenta sobre algumas traduções e reflete sobre o significado da expressão “trabalhadores de todos os países, uni-vos!” para aquele momento.

No prefácio de 1892 da edição polonesa, Engels estabelece uma relação entre a publicação do Manifesto em um país e o desenvolvimento da indústria neste, utilizando o exemplo da própria Polônia. Discute os problemas desse país no que tange, principalmente, em suas relações com a opressão nacional russa.

No prefácio de 1893 da edição italiana, Engels retoma a conjuntura do levante de 1848 e avalia que apesar da derrota política dos operários, suas lutas aceleraram o processo de desenvolvimento industrial em outros países, dentre estes, na Itália.

Segue na edição da Boitempo, seis textos que discutem o Manifesto Comunista, pontuando principalmente a conjuntura histórica de 1848, o processo de conformação da Liga dos Comunistas, as passagens programáticas que se tornaram inócuas com o tempo e a atualidade de seus preceitos fundamentais: a necessidade uma revolução proletária contra a burguesia. Esses autores já foram anunciados acima e não nos deteremos especificamente a comentar cada um deles, em função da objetividade da resenha tomar como centro

o texto próprio do *Manifesto*. Mas o leitor curioso deverá se apropriar cuidadosamente dos debates a que o Manifesto do Partido Comunista tem provocado em tempos mais contemporâneos.

Em sua publicação primeira, o *Manifesto* foi traduzido do alemão para o inglês, francês, italiano, flamengo e dinamarquês. Nos primeiros quarenta anos, a quantidade de idiomas que acessaram o seu texto ampliou-se consideravelmente, como descreve Engels no prefácio da edição inglesa de 1888. Atualmente, continua sendo um dos livros mais procurados nas prateleiras das livrarias, como informou o correspondente de *O Globo* no Reino Unido, em 2016<sup>2</sup>. Mas, a que deve essa procura de uma obra que porta em seu texto, uma filosofia tão combatida no último século?

Esta é uma reflexão complexa de ser respondida, a princípio, entre outros elementos, vislumbramos a sua atualidade frente às condições de vida da classe trabalhadora contemporânea e a simplicidade de como a organização da sociedade capitalista é explicada verdadeiramente: “A sociedade dividi-se cada vez mais em dois campos opostos: a burguesia e o proletariado” (MARX e ENGELS, 2010, p. 41); com também, na correspondência de seus parágrafos com a vida concreta da maior parte da população, como nesse trecho, em que os fundadores do marxismo identificam o endividamento da classe trabalhadora, tão largamente presente em tempos de crise hodierna: “Depois de receber a exploração do fabricante e de receber seu salário em dinheiro, o operário torna-se presa de outros membros da burguesia: o senhorio, o varejista, o penhorista etc.” (idem, p. 47).

Ainda que algumas críticas apresentadas ao Manifesto devam ser ponderadas no sentido de entender esta obra com base nos limites do contexto histórico o qual os autores se encontravam, por exemplo, no programa apresentado no final do segunda seção, como já o identificaram os próprios autores no prefácio de 1872, queremos levantar aqui duas considerações.

A primeira: ratificar a atualidade do *Manifesto* passados 170 anos de sua publicação. Um dos fundamentos da existência dos comunistas – a expropriação da propriedade privada, expressa nesses termos: “Horrorizai-vos porque queremos suprimir a propriedade privada. Mas em vossa sociedade a propriedade privada está suprimida para nove décimos de seus membros.” (MARX e ENGELS, 2010, p. 53), implacavelmente questionada (e horrorizada!) pelos capitalistas, governos, igrejas e meios de comunicação de massa do século XXI, seguem tão necessários quanto antes, como indica o relatório *Uma economia para os 99%*, da Organização Não Governamental Oxfam, divulgada em janeiro deste ano.

Neste documento, os dados indicam uma concentração de riqueza jamais atingida em níveis anteriores da história. Segundo as informações desse relatório, as oito pessoas mais ricas do planeta concentram a riqueza equivalente a outras 3,6 bilhões de pessoas. Ao ampliarmos mais os números dessa proporção, evidencia-se que os 1.810 maiores bilionários listados pela revista Forbes, detêm a riqueza acumulada de 70% da população mais pobre da humanidade<sup>3</sup>.

Os dados atualizados da proporção entre riqueza e pobreza, indica não somente a acertiva e validade do *Manifesto* nesse ponto fulcral, mas a urgência imediata dos homens e mulheres da classe trabalhadora assumirem as rédeas da história em suas mãos.

A segunda consideração que gostaríamos de refletir, trata-se do chamado final do Manifesto: “trabalhadores de todos os países, uni-vos!”, proferida em meio aos primeiros levantes do operariado industrial que *assustou* os governos da Europa com o fantasma do comunismo. O chamado segue válido diante da necessidade internacional da classe trabalhadora em derrotar o capital, que transformou as antigas colônias em

países de capital dependente e concentrou ainda mais o monopólio em suas mãos. Assim, neste ponto de vista, a unidade da classe trabalhadora a nível internacional torna-se fundante para qualquer organização que se pretenda pautar-se pelo comunismo.

Contudo, este mesmo chamado é equivalente à convocação de *unidade da esquerda* propalada pela maioria das organizações políticas brasileiras em tempos hodiernos? Esta *unidade da esquerda* dá-se em que bases programáticas e em torno de que projeto estratégico? Vemos que a convocatória aos trabalhadores para se unirem tratado no *Manifesto* está em torno da destruição revolucionária do poder político da buguesia em todos os países, ou seja, como o diz expressamente o próprio texto, a destruição violenta da burguesia enquanto classe social! Assim, levatamos a pergunta se o chamado à *unidade da esquerda*, corriqueiro nas organizações que se reivindicam do marxismo brasileiro na presente conjuntura, possui aproximação com a convocatória final do *Manifesto Comunista* ou se distancia dele? Esta reflexão é fundamental para entender as tarefas dos comunistas do passado e do presente momento.

### Referências

- COGGIOLA, Oswaldo. 150 anos do Manifesto Comunista. In: MARX, Karl e ENGELS, Friederich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- HOBBSBAWN, Eric J. **A era das revoluções: 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- MARX, Karl e ENGELS, Friederich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- MEHRING, Franz. **Karl Marx – a história de sua vida**. São Paulo: Sundermann, 2013.

### Notas:

- <sup>1</sup> Docente da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Pará, Campus Castanhal. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia.
- <sup>2</sup> Consultar matéria “Vendas do Manifesto Comunista disparam no Reino Unido”, acessada em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/vendas-do-manifesto-comunista-disparam-no-reino-unido-15508926>
- <sup>3</sup> Consultar O relatório completo da Oxfam e os seus dados detalhados encontram-se hospedados nesse sítio eletrônico: <https://www.oxfam.org/es/informes/una-economia-para-el-99>

Recebido em 14/05/2018

Aprovado em 20/05/2018